

Roberto Pane, entre história e restauro, arquitetura, cidade e paisagem

Entrevista com o arq. Andrea Pane*

Entrevista e tradução:

Renata Campello Cabral

Arquiteta, doutoranda no IAU-USP, com doutorado sanduíche na Università degli Studi di Napoli, Federico II, sob supervisão do entrevistado¹, cabralre@sc.usp.br

Carlos Roberto Monteiro de Andrade

Arquiteto, Prof. Dr. do IAU-USP. Av. Trabalhador São-Carlense, 400, São Carlos. candrade@sc.usp.br

Roberto Pane é conhecido no Brasil sobretudo pela sua importante participação na redação da Carta de Veneza, de 1964². Na Itália, por sua vez, Pane é objeto de atenção mais ampla, seja de historiadores do restauro, como da arquitetura e do urbanismo. Um convênio dedicado a sua obra deu origem ao importante livro *Roberto Pane tra Storia e Restauro, Architettura, Città e Paesaggio* (Marsilio, 2010), agraciado com o prêmio Capri San Michele, 28ª edição, seção Paisagem. O livro, cujo título dá nome à presente entrevista, contou com a participação de mais de 100 autores, dentre eles Stella Casiello, Giovanni Carbonara, Guido Zucconi e Renato de Fusco. Realizada com o arquiteto Andrea Pane, neto de Roberto Pane e um dos organizadores e colaboradores do citado livro, a entrevista que se segue procurou permear os múltiplos campos de atuação de Roberto Pane, iluminando sua complexa contribuição, hereditariedade e rede de interlocutores. Em resposta às perguntas feitas, Pane, partindo do lugar difícil de neto do seu próprio objeto nessa entrevista, passa longe de uma abordagem laudatória para, com seriedade e delicadeza, construir um rico, fundamentado e detalhado quadro da biografia profissional de Roberto Pane, tocando temas de grande relevância, como a tutela da paisagem, a inserção de novas edificações em tecidos antigos, as aproximações e divergências com personagens como Benedetto Croce e Gustavo Giovannoni, com Renato Bonelli e Cesare Brandi. Oferece, ainda, um elenco extenso de referências bibliográficas para os leitores brasileiros que queiram, com mais profundidade, conhecer esse importante e interessante arquiteto italiano.

*Andrea Pane - Arquiteto, restaurador e pesquisador da Università degli Studi di Napoli Federico II. Palazzo Gravina, Via Monteoliveto, 3, Napoli, a.pane@unina.it

¹Cabral conta com bolsa da Fapesp para o desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado e participou, como bolsista, do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da CAPES.

²Ver a respeito artigo de Beatriz Mugayar Kühl em Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.18, n.2, pp. 287-320. jul.-dez. 2010.

Talvez pudéssemos começar essa conversa, para situar os leitores brasileiros, falando sobre o aspecto mais conhecido da trajetória de Pane, que é sua participação na redação da Carta de Veneza, de 1964.

A redação da Carta de Veneza em 1964, da qual, em breve, serão celebrados os cinquenta anos, constitui, sem dúvida, um ponto de chegada fundamental para a Europa do segundo pós-guerra. A contribuição de Roberto Pane, nesse sentido, foi determinante.

Desde a preparação do II Congresso Internacional do Restauro – organizado por outra figura de grande

prestígio, o historiador da arte Bruno Molajoli (na época diretor geral para as Antiguidades e Belas Artes) – Pane decide promover, juntamente com o superintendente de Verona, Piero Gazzola, uma revisão da Carta italiana do restauro de 1932. Ao longo do Congresso, tal intenção se transformou na redação de uma verdadeira e própria Carta internacional do restauro, em substituição àquela redigida em Atenas em 1931, já superada pela experiência de reconstrução pós-bélica. Para tal trabalho, participaram 23 especialistas, dentre os quais o próprio Pane, P. Gazzola, P. Philippot, F. Sorlin e muitos outros nomes prestigiosos, como Raymond Lemaire, no papel de relator.

3 N.d.t.: Foi incorporada a tradução oficial da Carta para o português, adotada pelo ICOMOS Brasil e pelo IPHAN, e disponível em: <http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Veneza_1964.pdf>

4 N.d.t.: “ambiente” é o termo original em italiano. O “tema do ambiente” referido por Pane refere-se aos debates sobre a tutela do “contexto” do monumento, assim como à valorização de agrupamentos de “arquitetura menor”.

5 Para posteriores aprofundamentos cfr. A. PANE, *Piero Gazzola, Roberto Pane e la genesi della Carta di Venezia*, in *Piero Gazzola. Una strategia per i beni architettonici nel secondo novecento*, organizado por A. Di Lieto e M. Morgante, Anais do Convênio (Verona, 28-29 novembro 2008), Comune di Verona e Cierre edizioni, Verona 2009, pp. 307-316; ID., *Drafting of the Venice Charter: historical developments in conservation*, 12th annual Maura Shaffrey memorial lecture (Dublin, 10 June 2010), ICOMOS Ireland, Dublin 2011.

6 R. PANE, *Il restauro dei monumenti*, in «Aretusa», I, n. 1, pp. 68-79; depois, com o título *Il restauro dei monumenti e la chiesa di S. Chiara in Napoli*, in ID., *Architettura e arti figurative*, Neri Pozza, Venezia 1948, pp. 7-20 e in ID., *Attualità e dialettica del restauro*, antologia organizada por M. Civita, Solfanelli, Chieti 1987, da qual se cita, pp. 23-37. Sobre tais reflexões cfr. G. FIENGO, *Il restauro dei monumenti: la riflessione di Roberto Pane del 1944*, in «TeMa», n. 1, 1993, pp. 65-67; S. CASIELLO, *Roberto Pane e il restauro nel dopoguerra*, in *Monumenti e ambienti. Protagonisti del restauro del dopoguerra*, anais do Seminário Nacional, organizado por G. Fiengo e L. Guerriero, Arte tipografica, Napoli 2004, pp. 111-118. Para um quadro geral sobre o debate do pós-guerra cfr. A. BELLINI, *La ricostruzione: frammenti di un dibattito tra teorie del restauro, questione dei centri antichi, economia*, in *Guerra, monumenti, ricostruzione, Architetture e centri storici*

... continua próxima página

A contribuição de Pane reconhece-se, sobretudo, na ampliação do conceito de monumento, que desde o artigo 1 da Carta compreende tanto «a criação arquitetônica isolada bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico»³. Tal artigo, fortemente influenciado por Pane, que sintetiza as suas reflexões a partir do segundo pós-guerra sobre o tema do “ambiente”⁴ – em parte devedoras de sua formação com Gustavo Giovannoni – teria tido uma influência determinante na ação de tutela na Itália e no mundo depois de 1964.

Pontos sucessivos, como a necessidade de reforçar a relação entre tutela e planejamento, em uma atenção mais geral pela inserção do monumento na sociedade, podem facilmente ser reconduzidos às elaborações de Pane e Gazzola dos anos 1950. Um limite, se assim podemos falar, da Carta, reside, talvez, na sua visão fortemente eurocêntrica, filha do debate sobre restauro e reconstrução do pós-guerra, a tal ponto que o texto aparece como uma tentativa de superar a crítica situação pós-bélica e definir os princípios válidos para os futuros e almejados tempos de paz, mantendo, contudo, um ponto de vista fortemente centralizado no patrimônio cultural da Europa⁵.

Qual a importância de Pane no cenário do imediato pós-Segunda Guerra? Em que suas reflexões podem ser consideradas antecipadoras?

Pane vivia um momento particularmente favorável no imediato pós-guerra, depois de ter sofrido pela oposição ao fascismo, que compartilhava com Benedetto Croce. Desde o final de 1944 publicou no primeiro número de «Aretusa» – uma revista fundada pelo crítico literário Francesco Flora, inspirada pelo mesmo Croce – um artigo pioneiro com o título *Il restauro dei monumenti* no qual, partindo do dramático caso da igreja de Santa Clara, em Nápoles, inteiramente incendiada depois do terrível bombardeamento do dia 4 de agosto de 1943, propunha novas abordagens para o restauro dos monumentos danificados pela guerra⁶. Tal escrito foi, em seguida, identificado pela historiografia do restauro como um dos textos fundadores do “restauro crítico”, desenvolvido na Itália no segundo pós-guerra.

Superando os limites da filologia de Giovannoni e baseando-se na estética de Croce, o restauro crítico buscava ressaltar a necessidade de um juízo crítico no restauro, por meio do qual se poderia realizar até mesmo escolhas fortes, como a remoção de partes incongruentes em relação à construção original («aquilo que mascara ou realmente ofende imagens de verdadeira beleza será de todo legítimo abolir», escreve Pane em 1944), considerando sempre o monumento «como um caso único, porque tal é enquanto obra de arte e tal deverá ser também o seu restauro»⁷. Essa abordagem parecia particularmente coerente com a dramaticidade dos casos que se apresentavam aos restauradores depois das destruições bélicas: para a mesma igreja de Santa Clara, Pane propunha o retorno às originárias formas do século XIV, renunciando à impossível recomposição do aparato barroco destruído pelo incêndio. Tal escolha, contudo, era motivada também pelo citado juízo crítico, que considerava os acréscimos barrocos menos relevantes em relação às preexistências medievais.

A partir de tais reflexões, Pane teve a oportunidade de se expressar em relação a numerosos casos de restauro pós-bélico, entre os quais o do Templo Malatestiano em Rimini, primeiramente como componente do Conselho Superior para as Antiguidades e Belas Artes – durante a feliz estação do Partido de Ação e da presença de Guido De Ruggiero como ministro da Instrução Pública e de Ranuccio Bianchi Bandinelli como diretor geral das Antiguidades e Belas Artes (1944-47) – depois como consultor da UNESCO em Paris, em 1949.

Um outro tema que pode ser considerado antecipador de reflexões sucessivas é a constante preocupação de Pane pela relação entre monumento e “ambiente” e, de forma mais geral, pela questão da tutela de cidades antigas nos confrontos com a crescente invasão da construção contemporânea. Como já assinalado, esse era certamente um tema que ele havia assimilado frequentando o seu mestre Giovannoni, mas a reflexão de Pane decididamente avança além, fundamentando-se, por um lado, em uma visão histórica e estética mais atualizada – fruto dos contatos com Croce – e, por outro, sobre uma posição mais militante e combativa, motivada pela forte pressão da especulação imobiliária nos anos da reconstrução⁸.

continuação da nota 6...

italiani nel secondo conflitto mondiale, organizado por L. de Stefani e C. Coccoli, Marsilio, Venezia 2011, pp. 14-65 e G. P. TRECCANI, *La ricostruzione narrata. Esperienze e tesi negli scritti di restauro d'architettura nel dopoguerra*, ivi, pp. 80-120.

7 R. PANE, *Il restauro dei monumenti*, cit., pp. 26-27.

8 Sobre a relação entre as noções de “ambiente” em Giovannoni e Pane cfr. G. ZUCCONI, *Pane e la nozione di ambiente, tra primo e secondo Novecento*, in *Roberto Pane tra storia e restauro. Architettura, città, paesaggio*, Anais do Convênio (Napoli, 27-28 ottobre 2008), organizado por S. Casiello, A. Pane, V. Russo, Marsilio, Venezia 2010, pp. 308-311.

9 Cfr. A. PANE, *L'influenza di Gustavo Giovannoni a Napoli tra restauro dei monumenti e urbanistica. Il piano del 1926 e la questione della «vecchia città»*, in R. AMORE, A. PANE, G. VITAGLIANO, *Restauro, monumenti e città. Teorie ed esperienze del Novecento in Italia*, Quaderni di Restauro del Dipartimento di Storia dell'Architettura e Restauro dell'Università di Napoli “Federico II”, 4, Electa Napoli, ivi 2008, pp. 13-93. N.d.t: uma resenha desse texto em inglês encontra-se disponível *on line* em CABRAL, R. C. Raffaele Amore, Andrea Pane, Gianluca Vitagliano - Restauro, Monumenti e Città: review of Electa Napoli, 2008. City & Time 5 (1): 8. [online] url: <http://www.ct.ceci-br.org>.

10 Cfr. L. GUERRIERO, *Roberto Pane e la dialettica del restauro*, Liguori, Napoli 1998, pp. 100-106.

11 Para uma análise aprofundada da polêmica entre Giovannoni e Venturi aconselha-se o volume de V. PRACCHI, *«La logica degli occhi»: gli storici dell'arte, la tutela e il restauro dell'architettura tra positivismo e neoidealismo*, Edizioni New Press, Como 2001.

12 N.d.t: no original, “teoria del diradamento”. O termo “desbastamento” foi escolhido considerando-se que, no primeiro texto em que se dedica diretamente ... continua próxima página

Quais as aproximações/relações de Pane com Gustavo Giovannoni e também com Benedetto Croce? Poderia comentar a respeito?

Poderíamos dizer que a formação arquitetônica juvenil de Pane tenha sido desenvolvida, sem dúvida, no seio da influência de Giovannoni, traço comum, de resto, a toda uma geração de arquitetos nascidos entre os últimos anos do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Além disso, cabe precisar que Pane foi justamente um dos primeiros alunos laureados na Escola Superior de Arquitetura de Roma, fortemente determinada por Giovannoni e inaugurada em 1920, conseguindo o título em 1922, com uma tese sobre a arquitetura rural dos Campos Flegreus. A relação de discípulo com Giovannoni se mantém razoavelmente forte pelo menos até a segunda metade dos anos 1930, por meio da participação de Pane nas revistas dirigidas ou influenciadas por Giovannoni («*Architettura e arti decorative*», «*Rassegna di architettura*» e «*Palladio*»), e, ainda, em algumas ocasiões profissionais, dentre as quais se destaca a colaboração de Pane na redação do plano diretor de Nápoles de 1926-27, coordenado pelo mesmo Giovannoni⁹.

Nos anos sucessivos, Pane teria continuado a movimentar-se na órbita do estudioso romano em seus estudos de história da arquitetura, como testemunha o recorte metodológico do seu *Architettura del Rinascimento in Napoli* (1937), ainda influenciado pela abordagem positivista de Giovannoni e articulado em uma subdivisão por tipologias de edifícios. Progressivamente, contudo, o seu contemporâneo contato com o filósofo Benedetto Croce o teria levado a considerar atrasadas as posições de Giovannoni em matéria de história e estética, tanto que se voltou, para o seu segundo volume monográfico sobre a arquitetura napolitana – intitulado *Architettura dell'età barocca in Napoli* (1939) – em direção a uma abordagem neoidealista¹⁰, fundada na análise das personalidades criadoras no campo arquitetônico, como tinha feito nos mesmos anos o grande histórico da arte Adolfo Venturi, entrando em polêmica justamente com Giovannoni em 1938 sobre questões de método na história da arquitetura¹¹.

Menos explícito, mas substancial, é o débito de Pane com Giovannoni em matéria de tutela do “ambiente” das «velhas cidades», ainda que Pane

tenha depois se orientado em direção a uma visão decididamente mais moderna – aberta também à arquitetura contemporânea, que Giovannoni refutava – superando alguns limites da “teoria do desbastamento”¹² giovannoniana. Parece significativo, nesse sentido, que Pane tenha decidido intitular o seu conhecido escrito de 1956 – depois reunido em 1959 em um volume homônimo - *Città antiche ed edilizia nuova*, em dialética com o mais célebre volume do seu mestre, *Vecchie città ed edilizia nuova*, de 1931¹³. Nesse mesmo período, de resto, embora estigmatizando o rechaço de Giovannoni para com a arquitetura contemporânea, teria citado o mestre como «um homem que todos recordamos com espírito reverente pelo impulso que deu na Itália aos nossos estudos e pela sua probidade exemplar»¹⁴.

Mais amplo e profundo parece, ao contrário, a relação com Benedetto Croce, que o próprio Pane definia como «o homem que me inspirou admiração e reverência mais do que qualquer outro»¹⁵ e que, portanto, pode ser considerado legitimamente o seu principal mestre. Pane conheceu Croce em idade juvenil, por meio do crítico literário Luigi Russo. Eles aproximaram-se no período em que ele se encontrava em Roma para frequentar a Escola de Arquitetura (período durante o qual Croce era ministro da Instrução Pública, conseguindo, entre outras coisas, fazer ser aprovada a lei n.778 de 1922 para a proteção das belezas naturais e panorâmicas). Como Pane mesmo teria recordado em seguida, colocando em confronto a diferente estatura crítica dos dois personagens, «o interesse pelas questões de crítica e de história da arquitetura me induzia frequentemente a interrogar Croce, também porque o ambiente universitário frequentado por mim em Roma era tudo menos estimulante. Naquele momento o docente mais autorizado de história da arquitetura era Gustavo Giovannoni, homem de rara probidade e largo conhecimento profissional, que teve grande prestígio na Itália, especialmente para questões relativas ao restauro dos monumentos, mas que era de todo desprovido de uma moderna experiência crítica ». Já na época emergiam alguns dissensos entre Giovannoni e Croce, que Pane se via frequentemente remediando, em qualidade de “aluno” de ambos, como no caso do esclarecimento crociano a respeito dos limites das artes, que Giovannoni «não conseguia engolir», ao ponto no qual o filósofo «se endereçava a mim e me

continuação da nota 12...

a essa “teoria”, Giovanni estabelece um paralelo entre as habitações dos velhos bairros e a vegetação de um bosque. Cf. G. GIOVANNONI, *Il ‘Diradamento’ Edilizio dei Vecchi Centri. Il Quartiere della Rinascenza in Roma*, Nuova Antologia, 1913, vol. CLXVI, fasc. 997 (1o de julho), pp. 53-76.

13 R. PANE, *Città antiche ed edilizia nuova*, comunicação feita no VI Congresso nacional de urbanismo (Torino, 18-21 outubro 1956), in *La pianificazione intercomunale*, Anais do Congresso, INU, Roma 1957, pp. 451-469; ID., *Città antiche edilizia nuova*, E.S.I., Napoli 1959.

14 R. PANE, *Paesaggio e ambiente*, in *La pianificazione regionale*, Anais do IV Congresso Nacional de Urbanismo (Veneza, 18-21 outubro 1952), Roma 1953, pp. 94-95, no qual se encontra presente uma primeira reflexão sobre os limites da abordagem de Giovanni ao restauro no que diz respeito à sua desconfiança para com a arquitetura contemporânea, no confronto da qual Pane insiste, ao contrário, que «é verdadeiro justamente o contrário: em nome de uma concepção progredida, seja estética que moral, é apenas nas formas novas que todos os problemas acenados podem ser resolvidos».

15 R. PANE, *Croce 1942-1944*, in «La Rassegna d'Italia», a. I, n. 2-3, febbraio-marzo 1946, p. 293, depois em ID., *Architettura e arti figurative*, cit., pp. 131-138.

16 R. PANE, *Croce, nel trigesimo*, in ID., *Città antiche edilizia nuova*, cit., pp. 224-225.

17 R. PANE, *Architettura e letteratura*, in ID., *Architettura e arti figurative*, cit., pp. 64-65, depois em ID., *Attualità e dialettica del restauro*, cit., p. 77. Cfr. também C. LENZA, *Poesia e letteratura architettonica*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 36-41.

18 Anota-se, a propósito, que Pane – nascido em 1897 – provinha de uma família operária e tinha perdido o ... continua próxima página

perguntava: “Mas enfim, o que quer de mim aquele Giovanni? Será necessário que eu explique isso a ele uma outra vez?”. E eu assegurando que não era o caso de apontar as suas flechas polêmicas contra um inocente que em perfeita boa fé teria continuado a errar»¹⁶.

As trocas de Pane com o filósofo seriam continuadas assiduamente nos difíceis anos da guerra, compartilhando também a oposição ao regime fascista e o distanciamento de Nápoles a Sorrento. Ainda nos anos sucessivos, mesmo que discordando sobre algumas posições políticas (Croce permaneceu, até o fim, monárquico, enquanto Pane sustenta com convicção a República no referendun de 1946), o diálogo de Pane com o filósofo foi constante e a sua presença, na casa de Croce, quase cotidiana.

A influência de Croce sobre Pane se estendeu a todos os campos do pensamento, mas foi particularmente incisiva no campo crítico e estético, a ponto de ser retomada na distinção entre «poesia» e «literatura arquitetônica» - emprestada dos conceitos de «poesia» e «prosa» de Croce – proposta por Pane em 1948, na qual ele introduzia o conceito de «literatura arquitetônica» como «uma qualidade expressiva autônoma em relação àquela da poesia; não a essa submetida, quase um grau inferior da atividade espiritual, mas independente, do momento em que diverso é o seu objeto e, ou seja, não aquele da pura contemplação e do abandono ao universal, mas do constante cuidado que se volta a um fim prático»¹⁷.

Nos anos sucessivos ao falecimento de Croce (1952) – evento emotivamente muito envolvente para Pane¹⁸ – ele ampliará posteriormente os próprios horizontes de interesse, aproximando-se da Escola de Frankfurt, em particular do pensamento de Adorno e de Horkheimer e ao radicalismo americano¹⁹, até a psicanálise de Jung. Portanto, sem negar a sua fundamental formação crociana, o seu pensamento evoluiu, sob muitos aspectos, em direção a uma dimensão pós-crociana, como uma parte da recente historiografia do restauro sublinhou²⁰.

E com Cesare Brandi e Renzo Bonelli?

Com Brandi a relação foi certamente muito mais tênue e, sob alguns aspectos, de marcada distância. As razões são complexas, *in primis* está seguramente

a substancial diferença de opinião em relação à questão da arquitetura contemporânea nos centros antigos, nos confrontos da qual Brandi tinha expresso em 1956, no seu *Eliante o dell'architettura*, uma posição clara de incompatibilidade. Pane tinha contestado decididamente essa tese na sua citada intervenção no VI Congresso de Urbanismo, realizada no mesmo ano de 1956, com o título de *Città antiche ed edilizia nuova*²¹, compartilhando em essência a sua posição com outros críticos, como Zevi, Argan, Dorfles, Rogers. É provável que algumas divergências entre Brandi e Pane tenham se manifestado, nesses anos, também no âmbito do Instituto Central do Restauro, fundado e dirigido por Brandi desde 1941. De forma mais geral, poderíamos dizer que, naqueles anos, Brandi – que, como é bem conhecido, era um histórico da arte – assume uma posição sempre mais inclinada à intangibilidade absoluta dos centros históricos, entendidos integralmente como uma obra de arte, enquanto Pane – do seu ponto de vista de arquiteto – considerava o tema da cidade de uma maneira mais complexa, consciente da necessidade de equilibrar exigências de escala mais ampla, que envolviam processos econômicos e sociais que Brandi reputava de interesse escasso²².

É significativo, nesse sentido, que Brandi não tenha participado da redação da Carta de Veneza de 1964, mesmo tendo publicado justamente no ano anterior o seu fundamental volume *Teoria del restauro*, e tenha em seguida colaborado com a aprovação da Carta do restauro de 1972 no âmbito do Ministério da Instrução Pública (documento ainda válido no âmbito das Superintendências), que sobre o tema da cidade contrasta, em parte, com alguns princípios da Carta de Veneza. Tratava-se, certamente, de duas personalidades muito fortes, que embora estimando-se reciprocamente, mantiveram uma clara distância em muitas questões: desde 1946, por exemplo, Pane contestou o princípio brandiano que ratificava a legitimidade do restauro apenas da “matéria da obra de arte” em relação ao caso da reconstrução da ponte Santa Trindade, em Florença²³. Também nos confrontos da instância estética e da instância histórica, acolhidas por Pane e expressamente citadas na sua relatoria geral no Congresso de Veneza de 1964, o estudioso napolitano preferiu, de qualquer forma, fazê-las serem precedidas por uma instância mais ampla e geral, aquela psicológica, que deveria motivar as razões de fundo da conservação.

continuação da nota 18...

pai ainda jovem. Também nesse sentido, então, Croce tinha constituído uma referência fundamental para a sua formação, tanto no plano cultural como naquele humano.

19 Cfr. A. PANE, *Roberto Pane e gli Stati Uniti. Immagini, riflessioni, influenze. Dal viaggio del 1953 alle lezioni di Berkeley del 1962*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 346-357.

20 Cfr. A. BELLINI, *Giudizio critico e operatività nel pensiero di Roberto Pane*, ivi, pp. 17-21; A. L. MARAMOTTI POLITI, *Fu abbandono o solo approfondimento? Croce e Pane un legame profondo*, ivi, pp. 42-47; G. ROCCHI COOPMANS DE YOLDI, *Il tempo di Roberto Pane*, ivi, pp. 31-32; A. TRIONE, *La ragion poetica in Roberto Pane*, ivi, pp. 33-35.

21 R. PANE, *Città antiche ed edilizia nuova* (1956), cit., pp. 451-469. Uma refutação mais explícita à posição de Brandi encontra-se também no escrito, menos conhecido, *Urbanistica e restauro dei monumenti*, (compendiado aos cuidados de C. Beguinet em conferência realizada no dia 4 de fevereiro de 1959 no «Centro studi di pianificazione urbana e rurale») in *Edilizia ed urbanistica*, Università degli studi di Napoli, Facoltà di Ingegneria, Napoli 1960, pp. 27-35.

22 Para posteriores aprofundamentos sobre o tema cfr. A. PANE, «L'inserzione del nuovo nel vecchio». *Brandi e il dibattito sull'architettura moderna nei centri storici (1956-64)*, in *Brandi e l'architettura*, organizado por A. Cangelosi e M. R. Vitale, Anais da jornada de estudo (Siracusa, 30 ottobre 2006), Lombardi editori, Siracusa 2008, pp. 307-325.

23 «Em algumas polémicas jornalísticas foi recentemente lembrada, sob forma de advertência, a seguinte máxima do Instituto Central do Restauro: "não se restaura a obra de arte, se restaura a matéria da obra de arte". Mas essa frase, deixando de lado o seu tom peremptório (que nos faz pensar em tantas ... continua próxima página

Com Bonelli, a relação foi mais articulada: concordando sobre alguns aspectos de método no campo crítico e histórico-arquitetônico – ambos se inspiravam em Croce e talvez Bonelli aparecesse até mesmo mais rigoroso na aplicação da estética idealista –, mas divergindo grandemente sobre algumas questões de tutela e restauro. Basta citar, também nesse caso, a ausência de Bonelli entre os relatores no Congresso de Veneza e o seu consequente duro ataque ao texto da Carta²⁴, ao qual Pane teria indiretamente respondido contestando precisamente a voz *Restauro architettonico* escrita por Bonelli para a *Enciclopedia Universale dell'Arte* e publicada em 1963, na qual esse último tinha levado a extremas consequências o "restauro crítico", atribuindo «ao valor artístico a predominância absoluta em relação a outros aspectos e características da obra», ao ponto de apoiar a «liberação da verdadeira forma» da obra de arte no restauro, ou seja, a remoção das partes também significativas do ponto de vista histórico, mas em conflito com a imagem reconhecida pelo juízo crítico²⁵. A tal dissídio é preciso relacionar, em parte, também o distanciamento de Roberto Pane de "*Italia Nostra*" em 1967 – associação à qual tinha ativamente participado desde 1956, naqueles anos guiada por Bonelli como secretário geral – que, na opinião de Pane, já se movia em posições muito radicais e extremistas em relação à tutela dos centros históricos.

Como ele via a Arquitetura Moderna e sua relação com as preexistências?

Como já assinaléi, a relação de Pane com a arquitetura moderna foi de moderada abertura, se bem que as suas esperanças de um possível diálogo entre antigo e novo fossem quase sempre destacadas da realidade dos fatos. Diferentemente de seu mestre Giovannoni, que considerava inconciliável o «velho» com o «novo» e se mostrava realmente hostil em relação ao Movimento Moderno²⁶, Pane sempre manifestou a própria disponibilidade frente à nova arquitetura, convencido da necessidade de instaurar uma fundamental continuidade entre passado e presente. Em analogia a Giovannoni, contudo, também Pane estigmatizava as "tendências mecanicistas" propugnadas por Le Corbusier, individualizando no racionalismo e nas extremas consequências da *machine à habiter* uma via perigosa de desfrute do território e do espaço existencial, que levava ao risco de comprometer a liberdade

dos seres humanos em vantagem exclusivamente do capital²⁷.

As suas tentativas de estabelecer uma continuidade entre antigo e novo são confirmadas por dois convênios que ele organizou em 1965 e 1966 em Veneza e Florença sobre esse tema específico, intitulados justamente *Gli architetti moderni e l'incontro tra antico e nuovo*. Nesse sentido, a sua posição parece comparável, mesmo com as devidas diferenças, àquela de Ernesto Nathan Rogers, que acreditava na possibilidade de um diálogo entre arquitetura nova e «preexistências ambientais»²⁸, ao contrário de Brandi e – por motivos diversos – do próprio Zevi. Esse último, de fato, compartilhava com Pane a oposição a Brandi, mas não aceitava nenhuma submissão da nova arquitetura em relação àquela antiga. Pane, ao contrário, estava convencido que a nova arquitetura nos centros históricos deveria respeitar vínculos volumétricos e altimétricos e que, sobretudo em termos de linguagem, deveria confrontar-se com o riquíssimo e estratificado tecido das cidades italianas.

Era justamente essa a posição mais delicada, que tornava o debate dos anos 1950 na Itália incredivelmente complexo e variado, mas talvez privado de uma solução concreta, o que facilitava o jogo para a especulação imobiliária. De um lado, de fato, Brandi sustentava a clara incompatibilidade entre antigo e novo por razões perspécticas e compositivas, teorizando a anti-perspéctividade da arquitetura moderna; de outro lado, Zevi considerava inaceitável qualquer limitação à «liberdade esteriométrica». Pane, por sua vez, propunha «propostas concretas» que eram mal interpretadas como tentativas de mediação ou menção à «ambientação» proposta por Giovannoni, coisa que, ao contrário, Pane tinha aversão. Para esclarecer definitivamente a sua posição, basta recordar que em 1954 Pane é o primeiro a defender, e com convicção, o projeto de Frank Lloyd Wright para o Masieri Memorial em Veneza, nunca realizado justamente por oposição de "intransigentes" como Brandi e Cederna.

Poderia falar um pouco da atividade projetual de Pane na escala do edifício (como em Santa Chiara) e do território (como no Plano Territorial-Paisagístico da península Sorrentino-Amalfitana, elaborado em conjunto com Luigi Piccinato)?

continuação da nota 23...

outras máximas escritas em muros com caracteres lapidares), parece uma brincadeira verdadeira e real porque, pressupondo a possibilidade de separar a matéria da arte da arte mesma, se chega a negar aquela que é a maior dificuldade do restauro, a qual consiste justamente na impossibilidade de tal separação» (R. PANE, *E' mia persuasione che il ponte S. Trinita*, in «La nuova città», a. I, n. 1-2, dicembre 1945-gennaio 1946, pp. 17-20, depois, com o título *Il ponte S. Trinita*, in ID., *Architettura e arti figurative*, pp. 21-24 e in ID., *Attualità e dialettica del restauro*, cit., da cui si cita, p. 39-40). Cfr. também S. CASIELLO, *Cesare Brandi e Roberto Pane. Tangenze e dissonanze nel pensiero sull'architettura e sul restauro*, in *Brandi e l'architettura*, cit., pp. 81-90; G. CARBONARA, *Roberto Pane, Cesare Brandi e il "restauro critico"*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 22-27.

24 Com surpreendente dureza, Bonelli tinha definido a Carta de Veneza como «um resultado incredivelmente pobre e insignificante, que nos deixa profundamente surpresos e desiludidos», revelando como «ignora totalmente o desenvolvimento da problemática do restauro nos últimos vinte anos, a identificação do restauro no processo crítico, e a sua tradução integral em um juízo fundado sobre o princípio de destinar ao valor artístico a prevalência sobre outros aspectos do monumento; não conhece aquilo que resulta disso, quando o restauro assume o dever de reencontrar e liberar a obra, restituindo a ela a imagem unitária, mesmo se isso comporta a destruição de partes acrescidas [...]» (R. BONELLI, *La "carta di Venezia" per il restauro architettonico*, in «Italia Nostra», a. VIII, n. 38, maggio-giugno 1964, p. 1). A tais observações Pane responde declarando discordar totalmente da posição de Bonelli sobre restauro, por ele expressa na voz *Restauro architettonico para a Enciclopedia Universale dell'Arte* em 1963, sublinhando, além disso, como essa contrastasse também com a primeira parte geral redigida por Brandi, so...

... continua próxima página

A atividade projetual de Pane se desenvolveu em anos juvenis com algumas realizações de novos edifícios em Nápoles, que podem ser reconduzidos à influência de Giovannoni (frontão oeste da galeria Vittoria, a Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais, o pavilhão da civilização cristã na África na Mostra de Além-mar) e, sucessivamente, em alguns assentamentos de habitação popular em Pozzuoli, Sorrento e Torre del Greco, no âmbito do segundo septênio INA casa, onde ele recuperava e reinterpretava temas da "arquitetura menor" local. É exceção a única prova de caráter decididamente racionalista: a construção de um café panorâmico em Posillipo em 1934, hoje infelizmente demolido²⁹.

No campo mais específico do restauro, uma intervenção muito significativa e particularmente debatida no segundo pós-guerra em Nápoles foi aquele relativo à igreja de Santa Clara, sobre a qual Pane já havia escrito em 1944. Restaurada a igreja pela Superintendência em 1953, Pane foi encarregado de projetar a organização da *insula* conventual, circundada por altos edifícios em parte danificados pelos bombardeamentos. A proposta de Pane, depois realizada com algumas variações entre 1963 e 1972, consistiria na salvaguarda do perímetro da cidadela monástica, historicamente fechada em relação à cidade e à praça do Gesù, mantendo o caráter de "recinto", mesmo demolindo os edifícios que tinham surgido nos séculos mais recentes e já parcialmente destruídos pela guerra.

Na escala urbanística, Pane conduziu diversas experiências de planejamento, principalmente nos anos 1960-70, em diversos centros históricos da Puglia, de Molfetta (1965-68) a Corato (1967-74) a Bitonto (1968-78), quase sempre em colaboração com o seu aluno e depois docente de restauro Mauro Civita. Na escala territorial, enfim, um trabalho fundamental de Pane foi o Plano territorial e paisagístico da península Sorrentino-Amalfitana, redigido entre 1974 e 1977 por um grupo presidido por ele e por Luigi Piccinato³⁰. O plano constitui uma importante etapa para a evolução da tutela da paisagem na Itália: nesse, de fato, encontra aplicação um precoce reconhecimento do valor da paisagem agrária na área, fundada por um sistema de terraços, pensado em estreita unidade com a tutela da paisagem construída, ao ponto que, segundo Pane, «a agricultura, nessa área é observada sob o duplo

aspecto de atividade econômica e de condição essencial para a conservação da paisagem e a qualidade do ambiente»³¹. Aprovado apenas em 1987 com algumas variações, o plano certamente contribuiu de maneira essencial para a tutela de um dos territórios mais extraordinários do mundo sob o plano natural, arquitetônico e paisagístico, em um contexto de pressões especulativas no qual se tentou, mais de uma vez, felizmente quase sempre em vão, minar a sua eficácia. Não fico satisfeito em dizer isso aos leitores brasileiros, mas infelizmente o famoso auditório realizado recentemente em Ravello sob projeto de Oscar Niemeyer é justamente um daqueles edifícios que foram realizados em contraste com as prescrições de tutela contidas em tal plano.

Poderia falar um pouco da produção bibliográfica de Roberto Pane?

A produção bibliográfica de Roberto Pane é muito vasta e compreende cerca de 900 publicações entre volumes, ensaios, intervenções em convênios, artigos em revistas e jornais e escritos breves³². Entre os seus volumes mais significativos no campo da história da arquitetura podem ser citados, de um lado, aqueles sobre arquitetura do Renascimento e do Barroco em Nápoles e na Itália meridional (*Architettura del Rinascimento in Napoli*, 1937; *Architettura dell'età barocca in Napoli*, 1939; *Il Rinascimento nell'Italia meridionale*, 1975-77; *Seicento Napoletano*, 1984); de outro lado, as importantes monografias dedicadas a figuras como Andrea Palladio (1948, 1961²), Gian Lorenzo Bernini (1953), Ferdinando Fuga (1956) e Antoni Gaudí (1964, 1982²). Fundamentais e pioneiros são, além disso, os seus volumes sobre os valores ambientais de Nápoles e da Campânia (*Napoli imprevista*, 1949; *Capri*, 1954, 1965², 1982³; *Sorrento e la costa*, 1955; *Ville vesuviane del Settecento* (em col.), 1959; *Campania. La casa e l'albero*, 1961).

No que diz respeito ao restauro, e de forma mais geral às questões da tutela e conservação que testemunham o seu empenho civil, os seus escritos foram organizados por ele mesmo em quatro sucessivas antologias, a partir de 1948 até 1987 (*Architettura e arti figurative*, 1948; *Città antiche edilizia nuova*, 1959; *Il canto dei tamburi di pietra*, 1980; *Attualità e dialettica del restauro*, 1987). Fundamental, e ainda em boa parte atual,

continuação da nota 24...

bre a qual, ao contrário, Pane concorda (R. PANE, *Lettera al direttore*, in «Italia Nostra», a. VIII, n. 39, luglio-agosto 1964, p. 59).

25 Cfr. R. PANE, *Teoria della conservazione e del restauro dei monumenti*, conferência introdutória ao II Congresso internacional dos arquitetos e técnicos do restauro (Veneza, 25-31 maggio 1964) in ID., *Attualità e dialettica del restauro*, cit., p. 175. O texto final da conferência, publicado apenas em 1971 com o título *Conférence introductive*, in *Il monumento per l'uomo*, Anais do II Congresso internacional do Restauro (Veneza, 25-31 maggio 1964), Marsilio, Padova 1971, pp. 1-13, foi revisto por Pane depois do congresso, inserindo as citadas reflexões sobre a voz *Restauro architettonico* redigida por Bonelli, justamente em seguida ao ataque desse último, e não vice-versa, como no passado era considerado pela historiografia corrente (cfr. A. PANE, *Piero Gazzola, Roberto Pane e la genesi della Carta di Venezia*, cit., p. 313 e n. 47).

26 Cfr. A. PANE, *Il vecchio e il nuovo nelle città italiane: Gustavo Giovannoni e l'architettura moderna*, in *Antico e Nuovo. Architetture e architettura*, a cura di A. Ferlenga, E. Vassallo, F. Schellino, Atti del Convegno (Veneza, 31 marzo - 3 aprile 2004), Il Poligrafo, Venezia 2007, pp. 215-231.

27 R. PANE, *Le Corbusier e le tendenze meccanicistiche dell'architettura moderna*, in «Aretusa», I, n. 5-6, novembro-gennaio 1945, pp. 15-30; depois em ID., *Architettura e arti figurative*, cit., pp. 25-42 e, com um comentário, in ID., *Città antiche edilizia nuova*, cit., pp. 15-43 e in ID., *Attualità e dialettica del restauro*, cit., pp. 41-56. Cfr. Sobre o tema. R. DE FUSCO, *Roberto Pane e l'architettura contemporanea*, in *Ricordo di Roberto Pane*, cit., pp. 260-263.

notas 28 a 32: final do texto, à direita.

é, também, a obra, em três volumes, por ele coordenada com um rico grupo de estudiosos - entre os quais Roberto Di Stefano, Carlo Forte, Stella Casiello, Giuseppe Fiengo - com o título *Il centro antico di Napoli* (1971), que contém um detalhado estudo da área mais antiga da cidade, fruto de diversos anos de pesquisa, visando seu restauro urbanístico, proposto como um plano de atuação que infelizmente não chegou a ter uma aplicação concreta.

Muito importante, enfim, foi a produção de artigos em jornais e revistas. Nesse sentido, destaca-se a sua iniciativa de recuperar, em 1961, a publicação do periódico *Napoli nobilissima*, fundado em 1892 por um grupo de eminentes personalidades próximas a Benedetto Croce e interrompido em 1922. Pane manteve a direção de *Napoli nobilissima* de 1961 a 1987, ano de sua morte, tornando-a uma revista de grande prestígio para os estudos da história da arquitetura e do ambiente da Itália meridional, que abrigou numerosos ensaios de estudiosos nacionais e internacionais e constituiu uma fundamental "oficina" de formação para a sua consistente escola de alunos. Por meio de *Napoli nobilissima*, além disso - e em particular com sua rubrica *Antico e Nuovo*, que em cada fascículo abrigava seus breves escritos polêmicos - Pane desenvolveu uma constante ação de controle e denúncia dos danos produzidos no arco de quase trinta anos.

Qual seria a principal hereditariedade deixada por ele?

Acima de tudo, como foi corretamente observado³³, diria que o seu empenho civil, a dimensão ética e a coerência da sua ação constituem um ensinamento sem tempo, ousaria dizer, quase socrático. É uma posição que parece ser hoje, infelizmente, uma distante recordação, respeito aos fáceis oportunismos e compromissos que assinalam tristemente os tempos que vivemos. Dito isso, contudo, cabe admitir que uma grande parte das conquistas no campo da tutela e da conservação da arquitetura e da paisagem - que hoje constituem uma praxe substancialmente compartilhada em todo o território italiano - se devem também à sua ação, que portanto não se

desenvolveu em vão.

Passando a aspectos mais específicos e procurando sintetizar, diria que a sua hereditariedade refere-se, por um lado, ao campo da tutela, a partir da extensão do conceito de monumento à metodologia de restauro dos centros antigos; por outro, àquele da reflexão mais profunda sobre a conservação, que se valeu também da fecunda contaminação com disciplinas e saberes diversos, da psicologia à ecologia. Nesse sentido, basta citar a sua reflexão sobre a instância psicológica, por ele mesmo proposta como tema fundamental do restauro, que deveria preceder as mais conhecidas instâncias estéticas e históricas, assim como os numerosos aprofundamentos sobre as implicações ecológicas e éticas que a conservação subentende.

Em última análise, acredito que a sua maior hereditariedade consista justamente na abertura que a disciplina da conservação manifesta hoje, na Itália e no mundo, em direção a disciplinas afins e em direção a escalas diferenciadas de intervenção, do fragmento arqueológico ao território, tidas conjuntamente, mas a partir de uma fundamental unidade de método, o que representa, definitivamente, uma das principais contribuições italianas à cultura da conservação.

Continuação das notas

28 Cfr. C. DI BIASE, *Roberto Pane ed Ernesto Nathan Rogers: dibattito sugli inserimenti nelle preesistenze ambientali*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 364-369.

29 Cfr. B. GRAVAGNUOLO, *Roberto Pane architetto*, in «ArQ3», Quaderni della sezione «Sperimentazione progettuale» del Dipartimento di Progettazione Urbana, Università di Napoli Federico II, n. 3, giugno 1990, pp. 130-134; A. PANE, *Roberto Pane (1897-1987)*, in «ANAI KH», n. 50-51, gennaio-maggio 2007, pp. 24-33; R. DE MARTINO, *Le architetture di Roberto Pane*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 111-116.

30 Cfr. A. DAL PIAZ, *L'esperienza innovativa del piano territoriale e paesistico dell'area sorrentino-amalfitana 1974-1977*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 523-525.

31 R. PANE, *Unità di interventi fra paesaggio vegetale e paesaggio edilizio*, in ID., *Attualità e dialettica del restauro*, cit., p. 358.

32 Cfr. G. PANE, A. PANE, *Bibliografia degli scritti di Roberto Pane*, in *Roberto Pane tra storia e restauro*, cit., pp. 580-598.